# A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora

VICTOR S. GONÇALVES*, ANDRÉ PEREIRA**, MARCO ANDRADE**

com a colaboração de AMÍLCAR GUERRA***

RESUMO

O grupo «PLACA NOSTRA» apresenta um trabalho sobre placas de xisto gravadas, quase todas inéditas, provenientes de monumentos megalíticos da região de Évora (Antas da Mitra, Anta Grande do Zambujeiro, *Tholos* do Escoural, Anta 1 do Paço). Essas placas são ilustrativas de uma situação importante: o reaproveitamento de placas anteriores através de regravação, recorte e repolimento. Existem várias explicações possíveis para este fenómeno: 1. numa perspectiva completamente pragmática, o que determina o reaproveitamento de placas é a lei do menor esforço, sendo mais fácil recuperar uma placa quebrada, e eventualmente já dissociada do seu contexto simbólico, que fazer uma nova; 2. numa outra leitura, poderia admitir-se que o simbolismo inicial de uma placa antiga poderia ser transportado para um novo acto simbólico, dando origem a uma nova situação mágico-religiosa.

Palavras-chave: Neolítico final – Calcolítico – megalitismo – subsistema mágico-religioso – placas de xisto gravadas – reutilização de artefactos ideotécnicos

* Coordenador do Projecto «PLACA NOSTRA», Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ). Faculdade de Letras. P-1600-214 LISBOA PORTUGAL. vsg@fl.ul.pt.

** Colaborador da UNIARQ, Projecto «PLACA NOSTRA»

*** Investigador da UNIARQ. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. P-1600-214 LISBOA PORTUGAL.

*ABSTRACT*

*The «PLACA NOSTRA» team presents a study concerning engraved schist plaques, most of which were never studied before, from megalithic monuments in the region of Évora (Antas da Mitra, Anta Grande do Zambujeiro, Tholos do Escoural, Anta 1 do Paço). These plaques illustrate an important situation: the re-utilisation of older plaques, engraved, cut and polished anew. There are several possible explanations for their existence: 1. From a pragmatic perspective, what determines their re-use is the less effort involved in the re-utilisation of a broken plaque, eventually dissociated from its original context, rather then the manufacture of a new one; 2. Another interpretation may consider the fact that, the original symbolism of the older plaque may be transported into a new symbolic action, giving rise to a new magical-religious situation.*

*Key-words: Late Neolithic – Chalcolithic – megalithic studies – magical-religious subsystems – engraved schist plaques – re-utilisation of ideotechnical artefacts.*

«Quando uma coisa já não é o que foi,
não é obrigatório que seja o contrário.»

*Livro dos Contrários, Arquivo Central de Ix*

## 1. NOTA PRÉVIA[1]

Desde 1970 que um de nós (VSG) tem vindo a publicar textos onde o objecto é, directa ou indirectamente, o conjunto de questões que origina, enquadra e envolve as placas de xisto gravadas do Ocidente peninsular. Em trabalhos recentes (2003a, 2003b e 2004), entrámos em outra fase, procurando desenvolver ou o estudo exaustivo de placas, baseado em perspectivas novas como o conceito de paginação ou de ritmo de gravação (placas H.8-5 e J.8-667 de STAM-3, Gonçalves, 2003a), ou ainda questões em torno a aspectos específicos, como a «síndrome das placas loucas» (2003b), e, finalmente, de novo em torno ao próprio significado das placas (2004).

Este é um dos primeiros estudos de um novo grupo de trabalho sediado na UNIARQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa), no âmbito do Projecto «PLACA NOSTRA», incluído no Vector de investigação sobre as antigas sociedades camponesas. Em 2003, foi apoiado pela Câmara Municipal de Évora, pelo Museu de Évora, pelo Museu Nacional de Arqueologia, pela Fundação Gulbenkian e pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, neste último caso através do equipamento da UNIARQ.

[1] Desenhos executados por A. P. e M. A., fotografias digitais e tratamento subsequente por V. S. G.

Neste contexto preciso, e devido a uma situação específica detectada durante a pesquisa, contámos com a colaboração de Amílcar Guerra, que, no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, co-dirige outro vector de investigação.

O projecto «PLACA NOSTRA» visa estudar as placas de xisto gravadas do Ocidente peninsular, através quer de uma aproximação temática quer monográfica, por sítios. E também na perspectiva da organização de um *Corpus* decorrente de uma sequência de monografias já em avançado estado de elaboração (colecções da Anta Grande do Zambujeiro, *Tholos* do Escoural...) ou de monumentos cuja publicação se prevê próxima, como o complexo megalítico do Olival da Pega 2 ou a anta Xarez 1.

## 2. AGRADECIMENTOS

Agradecimentos são devidos às entidades referidas, bem como aos directores e conservadores dos Museus envolvidos, Luís Raposo e Ana Isabel Santos (no caso do MNA), Joaquim Caetano e Manuel Alegria (no caso do MEV), J. Brandão (no caso do Museu do IGM).

A imagem referente à placa reaproveitada das Grutas de Poço Velho, Cascais, surge aqui apenas como exemplificativa de um conceito aplicável a quase 100 km dos monumentos a que nos referimos. É reproduzida graças à colaboração do Museu do Instituto Geológico e Mineiro, que disponibilizou as suas colecções para a elaboração da monografia e da Exposição em curso sobre aquele importante sítio e outros espaços da morte das antigas sociedades camponesas. Exposição a decorrer em 2004 e 2005 no Museu Nacional de Arqueologia, no âmbito das acções do Pelouro e do Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Cascais, respectivamente dirigidos por Ana Clara Justino e António Carvalho.

## 3. AS PLACAS DE XISTO REAPROVEITADAS

O conceito de *placas de xisto votivas reaproveitadas* parece muito fácil de definir, mas tem vários conteúdos:

Basicamente, uma placa de xisto votiva reaproveitada é uma placa que resulta da transformação voluntária, por regravação da face ou gravação do verso, recorte e/ou polimento, de uma placa original.

O conceito envolve ainda assim, no mínimo, três outras situações distintas: 1. aquela em que a placa é reusada num contexto funerário, recuperando o seu significado primitivo;

2. aquela em que a placa anterior é simplesmente regravada parcialmente e deixada provavelmente no seu contexto genérico de origem;
3. aquela em que uma placa é apenas objecto de uma nova inscrição, que nada tem que ver com o seu significado original, sendo assim apenas o suporte de uma nova gravação, dissociada do sentido simbólico próprio às placas de xisto.

O conceito exclui deliberadamente as placas em que se verificaram gravações sequenciais que completam, renovando-o, um conjunto simbólico anterior, mas conexo. É esse o caso dos acrescentos de Olhos de Sol a placas anteriores.

Podemos resumir de outra forma e ângulo de leitura:
1. uma placa original foi recuperada em época posterior à do seu fabrico e gravada no verso com outros motivos;
2. uma placa fragmentou-se, ou foi fragmentada, e, em data posterior, quase sempre completamente impossível de precisar, foi recuperada através de recorte e polimento dos bordos, tendo sido reintegrada num contexto funerário;
3. uma placa, recortada a partir de uma placa anterior, foi usada como adorno pessoal e incluída no equipamento pessoal do morto, ao mesmo título que os colares de contas de xisto ou pedra verde, ou os alfinetes de cabelo. Em algumas situações poderá ter sido também regravada, ou objecto de uma nova gravação no verso ou ainda repolida, apagando-se assim parcialmente a gravação primitiva.

Estamos assim perante várias questões que de aqui decorrem, nem sempre fáceis de entender ou mesmo de seriar. Mas as principais são
1. *porquê?*

Na Península de Lisboa, onde o xisto não está disponível, compreender-se-ia sem dificuldade esta situação. Mas em áreas onde o xisto abunda, por vezes mesmo muito perto dos monumentos, como no Alentejo, as respostas poderão ser bem mais complexas, afastada a ucrónica perspectiva «ecológica»...
2. *quando?*

Numa situação excepcional, referente à Anta Grande do Zambujeiro (Évora), e noutra, verificada na Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), a resposta é clara. Um pastor, muito provavelmente medieval, encontrou uma placa e usou-a para gravar os clássicos círculos com um ponto central, tão comuns ainda hoje no artesanato popular do Crato. E abandonou a placa no chão da anta. No caso da Anta Grande, um viajante da Idade do Ferro recolheu uma placa, possivelmente ao remover um contexto funerário calcolítico, gravou uma inscrição em grafito, mas respeitando as linhas de enquadramento que encontramos nas estelas, e abandonou a placa.

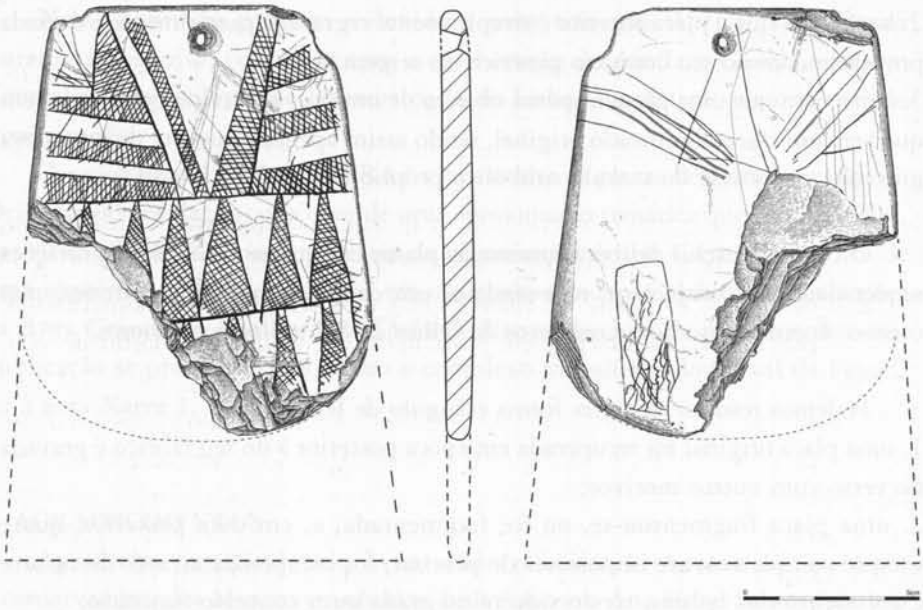


Fig. 1 – A placa H.8-5, proveniente da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 2003a, completada). Como se observa, houve um traçado original, que correspondia a um artefacto ideotécnico com a «síndrome das placas loucas», que se fragmentou transversalmente no terço inferior da altura. Foi posteriormente recortado e repolido de forma a ganhar uma nova base regular e, provavelmente então, gravado no verso. Pela sua localização no lugar de onde foi recolhida esta placa, o exterior imediato do Corredor, ela deveria estar num nível superficial, não tendo assim beneficiado da protecção do enchimento de pedras que afectou o Corredor, e foi removida talvez, mas não necessariamente, durante as violações medievais da Câmara.

Mas em quase todos os outros casos e situações não há aparentemente uma tão grande distanciação temporal entre a primeira gravação e a segunda (ou o recorte e repolimento da placa).

3. *como?*

Frequentemente, a observação macroscópica da placa evidencia diferenças da técnica de gravação usada no conjunto mais antigo e no que se lhe seguiu, é o caso da notável placa da Anta 2 do Olival da Pega (Gonçalves, 2003b, p. 131-157). Neste caso, a placa original estava intacta, mas o verso foi gravado claramente em momento posterior.

Na Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (ver Fig. 1), a placa H.8-5, curiosamente uma placa com a síndrome das «placas loucas», uma vez quebrada, foi objecto de um recorte para correcção do contorno inferior, repolido este, e o verso foi gravado com símbolos bem diversos dos da face.

Temos ainda várias possibilidades a considerar, em resposta ao *como?*:

1. – placas inteiras foram gravadas uma segunda vez, no verso, com outros símbolos;

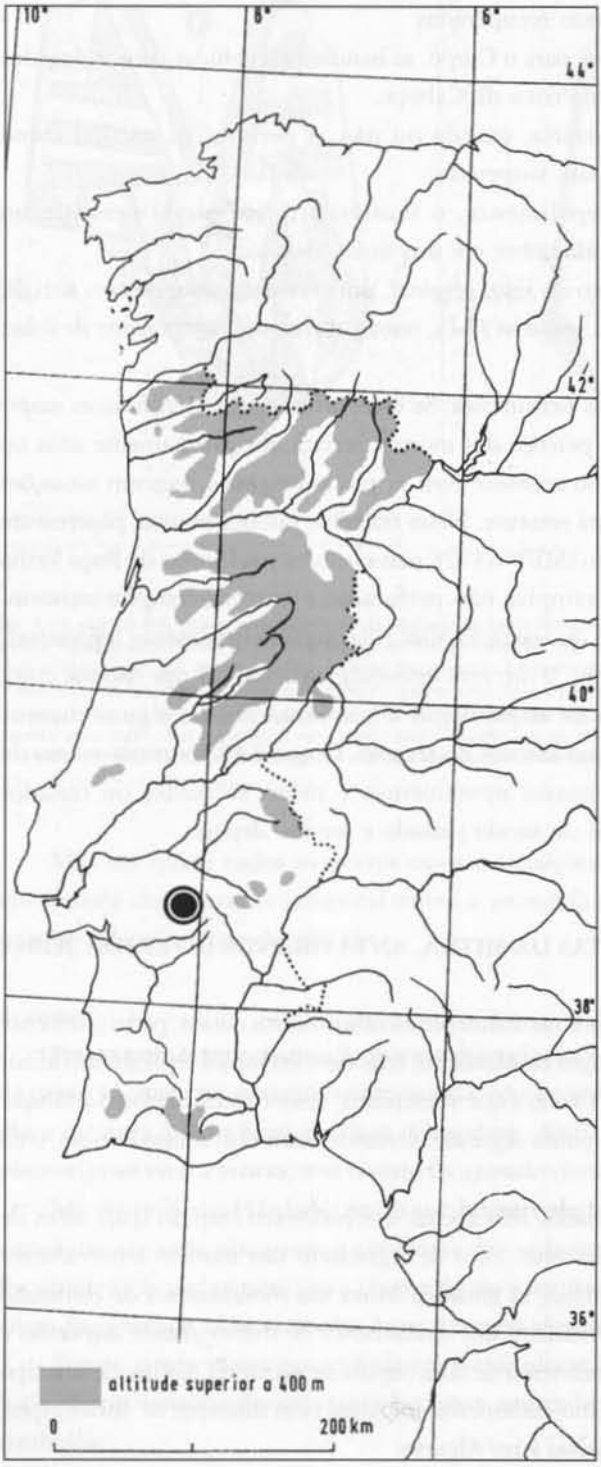
2. – placas fragmentadas foram recuperadas
   2.1. seguindo as *guide lines* para o Corpo, as bandas preenchidas com triângulos ou a composição simétrica da Cabeça;
   2.2. de uma forma arbitrária, usando ou não as perfurações antigas como novas perfurações para suspensão;
   2.2. eliminando, por repolimento, o motivo original ainda presente no fragmento e gravando sobre ele um novo motivo;
   2.3. usando um fragmento do xisto original, uma vez apagado o motivo antigo, para a feitura de uma pequena placa, normalmente um componente de colar.

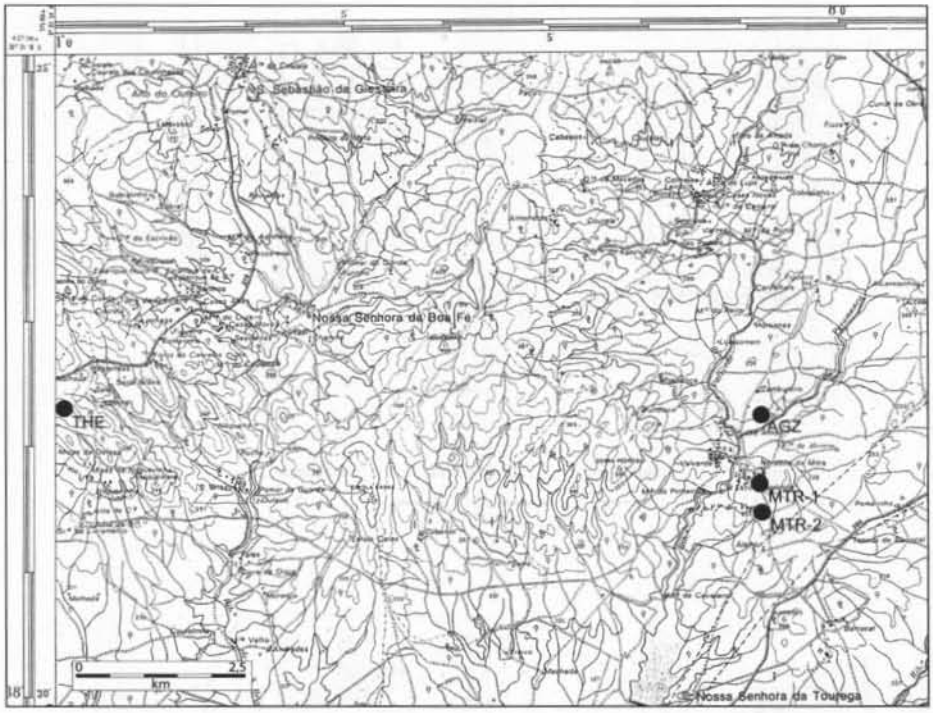
Finalmente, a questão das perfurações. Se estes artefactos se destinassem *sempre* a ser suspensos por um fio ao pescoço dos mortos, teriam obrigatoriamente uma ou duas perfurações. Mas tal como acontece com as placas originais, existem situações em que nenhuma perfuração está presente. Neste trabalho, publica-se uma, proveniente da Anta Grande do Zambujeiro (MEV 6372), mas também nas Grutas de Poço Velho (Cascais) foi recolhido um exemplar não perfurado, e outros exemplos existem. E nestas situações a integração do artefacto num colar seria naturalmente impossível, tal como a imagem da nossa Fig. 9 um erro museológico crasso. O que não me custa a crer... sabendo-se o gosto de arqueólogos e conservadores de alguns museus pela construção de conexões inexistentes no terreno. O que é exactamente o caso do espólio de Poço Velho e de outros monumentos e sítios, escavados ou tratados museologicamente em meados do século passado e mesmo depois.

## 4. ALGUNS EXEMPLOS (ANTAS DA MITRA, ANTA GRANDE DO ZAMBUJEIRO, *THOLOS* DO ESCOURAL)

Como exemplos, poderíamos naturalmente escolher muitos outros, particularmente o do tholos OP-2b, em Reguengos de Monsaraz, mas estes exemplos representam afinal uma linha dentro da região de Évora, a que se escolheu, neste contexto, para o arranque dos estudos monográficos. No ponto seguinte, veremos outro caso muito curioso, o da Anta «A».

Os monumentos seleccionados têm apenas um ponto em comum (para além de serem todos eles sepulcros colectivos...), o de registarem um número relativamente elevado de placas. Para além disso, as antas da Mitra são monumentos de dimensão média, a Anta Grande do Zambujeiro um monumento de muito grande dimensão e o tholos do Escoural é um monumento de falsa cúpula de estrutura ligeira, de um tipo por vezes designado de alentejano-extremenho-andaluz, bem diferente de outros tipos, conhecidos na Península de Lisboa e no Algarve.


10°
8°
6°
44°
42°
40°
38°
36°
altitude superior a 400 m
0
200 km




Mapas 1 e 2 A região de Évora no actual território português e a localização dos monumentos da Herdade da Mitra (MTR), da Anta Grande do Zambujeiro (AGZ) e do *tholos* do Escoural (THE). Posição dos monumentos na folha nº 40-A (Évora) da Carta Corográfica de Portugal, escala 1:50000 (1977). Posição do *tholos* do Escoural segundo Oliveira, 2001; posição da Anta Grande do Zambujeiro, Antas 1 e 2 da Mitra segundo Höck e Kalb, 2000.

### 4.1. Antas da Mitra

As antas da Mitra foram objecto de intervenções clandestinas pelo que hoje se chama (enternecidamente?), na linguagem de alguns gestores do património, «o grupo do Hospital», uma vez tendo sido os seus membros médicos do Hospital de Évora. A doação ao Museu de Évora das peças recolhidas nos monumentos objecto de essas acções ilegais, e cientificamente lamentáveis, é uma atenuante que não desculpa a enormidade dos crimes cometidos. Com efeito, indivíduos de formação superior, o que ainda mais os responsabiliza, lesaram de forma irreversível o património megalítico da região de Évora. E a inabilidade demonstrada durante o processo, que manifestamente visava apenas a aquisição de peças, foi tal que as escavações de Jorge de Oliveira na Anta 2 da Mitra revelaram ainda muito espólio, mas naturalmente descontextualizado. Monumentos como as antas da Loba e de Cabacinhitos foram também saqueados.

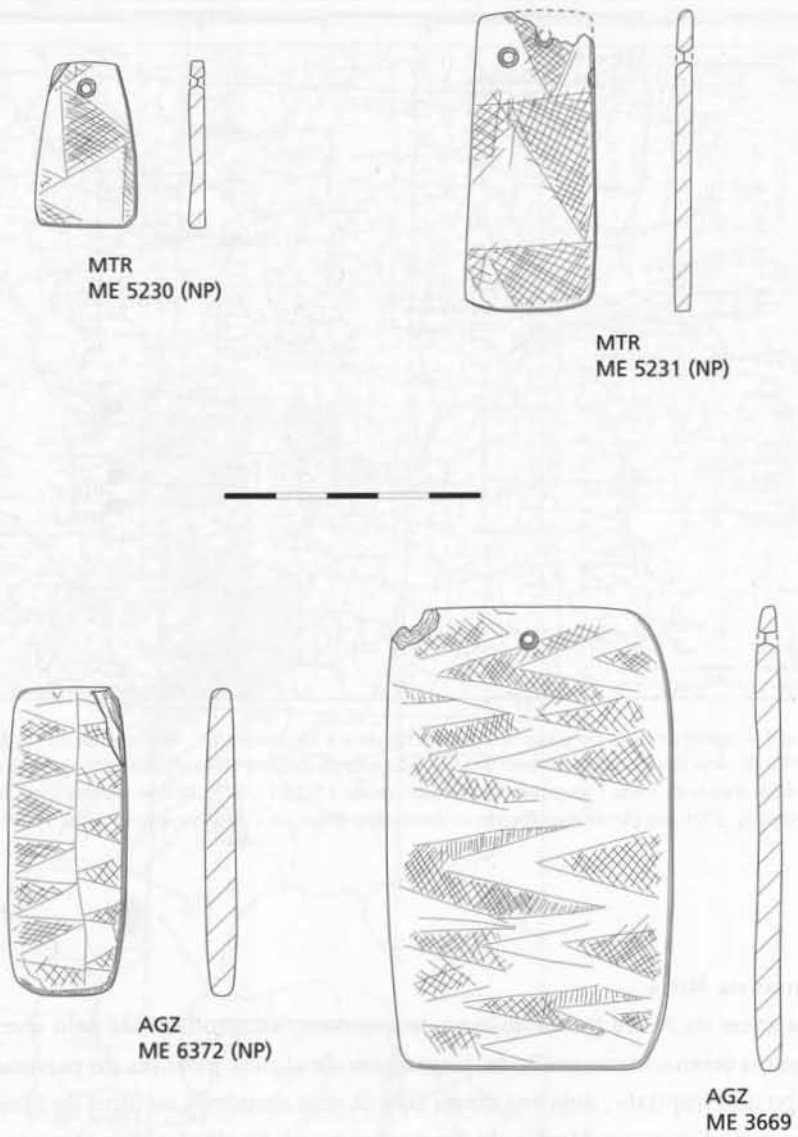



Fig. 2 Placas reaproveitadas das antas da Mitra – MTR – e da Anta Grande do Zambujeiro – AGZ (Museu de Évora). Escala em cm.

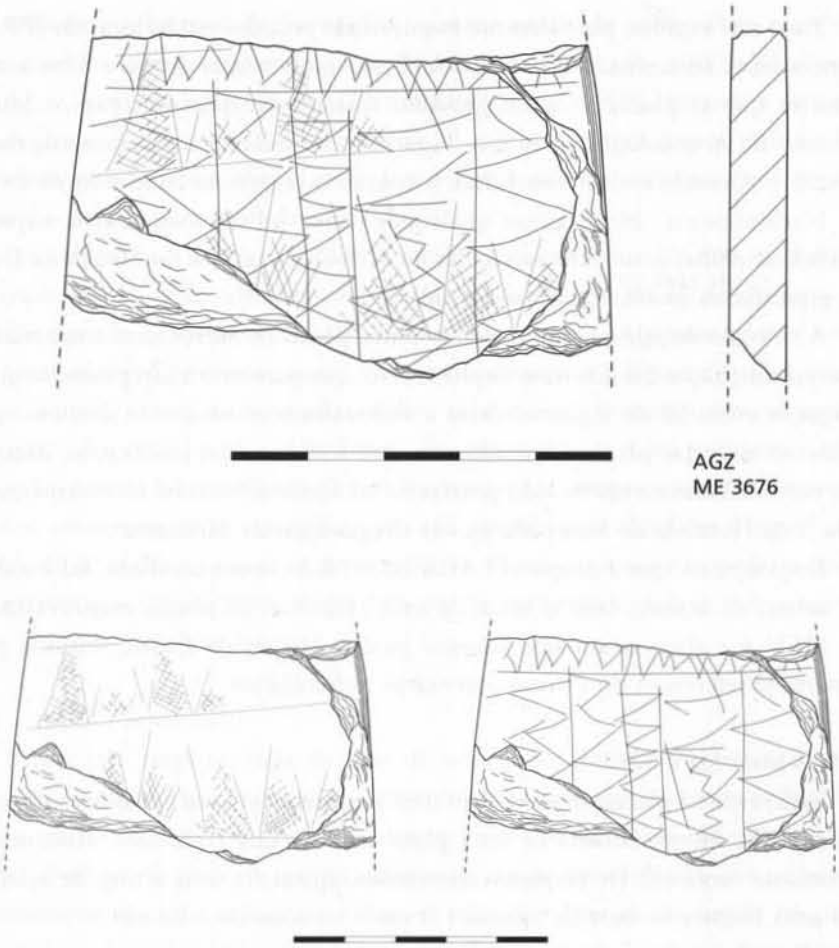



Fig. 3 Placa reaproveitada por regravação após apagamento dos motivos originais proveniente da Anta Grande do Zambujeiro (Museu de Évora). A imagem de cima representa a placa no seu estado actual. Em baixo, apresentam-se, separados, os motivos originais e os efectuados na regravação. A um primeiro olhar, admitiu-se que o autor da regravação poderia ser o «turista» da Idade do Ferro que inscreveu um grafito na placa 3677, uma vez que a técnica e o instrumento usado parecem ser muito semelhantes. No entanto, o motivo dos triângulos compartimentados em bandas verticais, sendo muito raro, está presente em outras placas com gravações originais e únicas. Assim, tudo o que pode ser afirmado com segurança é que sobre um suporte anteriormente gravado e intencionalmente apagado foi efectuada uma nova gravação, com paginação compatível com outros modelos, mas recorrendo a triângulos não preenchidos.

Todo este espólio, parcialmente manipulado pela delegação local do IPPAR, se encontrava armazenado no Museu de Évora num estado de risco. Um acordo permitiu que as placas de xisto gravadas fossem transportadas para o Museu Nacional de Arqueologia, onde teve lugar um processo de limpeza, recuperação e restauro. Quando estiver concluído, o conjunto regressará ao Museu de Évora.

Naturalmente, não existem quaisquer dados sobre os contextos a que se referiam as placas e, no caso particular da Mitra, os registos do Museu de Évora não especificam mesmo quaisquer detalhes.

A colecção do «grupo do Hospital» reúne placas de excepcional importância, pelo que a situação é ainda mais deplorável do que pareceria a um primeiro olhar. A ligação eventual de algumas delas a enterramentos teria sido decisiva, pelo menos no caso das placas recortadas ou com molduras no interior, se datações pelo radiocarbono tivessem sido possíveis, tal como aconteceu recentemente na Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz).

Do conjunto, que o grupo «PLACA NOSTRA» tem em estudo, salientamos por agora, de acordo com o tema de este trabalho, as placas reaproveitadas.

MEV é a abreviatura que usamos para o Museu de Évora, seguida pelo número de referência do último inventário museológico.

4.1.1. A placa MEV 5230

Esta pequena placa-pingente com uma perfuração central é o aproveitamento de uma área indeterminada de uma placa anterior que teria sido, aliás, muito importante conhecer. De pequenas dimensões, apresenta uma altura de 3,18 cm para uma largura na base de apenas 1,8 cm e no topo de 1,24 cm.

4.1.2 – A placa MEV 5231

Esta placa-pingente é um óbvio reaproveitamento da parte central de uma placa com bandas de triângulos finamente reticulados. A sua altura actual é de cerca de 5,75 cm, e a banda de triângulos central, a única mensurável, mede 2,88 cm de altura.

**4.2. Anta Grande do Zambujeiro**

Escavada quase integralmente por Henrique Leonor Pina, esta anta excepcional foi ainda vítima de diversas intervenções coordenadas pela delegação do IPPAR de Évora. Nomes como os de Carlos Tavares da Silva, cuja fiabilidade é indiscutível, estão assim, na história recente do monumento, associados ao de Ph. Kalb e de uma empresa local de arqueologia, sem que quaisquer dados estejam disponíveis.

Alguns artefactos «de excepção», provenientes de campanhas recentes, apareceram mesmo pela primeira (e única) vez ao público, pela mão de estudantes suecos (!!), num colóquio de megalitismo (Falköping, 1994), perante a surpresa de um dos escavadores recentes da anta. E também nunca foram publicados. O cozinheiro sueco dos Marretas de Jim Henson não faria melhor, ao tirar um ganso da cartola, para fazer *paté* de lebre...

Do impressivo espólio, quase nenhum dele contextualizado, analisámos sobretudo as placas de xisto gravadas, e muitas delas estavam ainda nos sacos de plástico em que tinham sido acondicionadas no terreno. Algumas poucas eram acompanhadas por pequenas notas manuscritas, escritas a lápis em papel frágil, que se admite serem do escavador. Sobre os materiais recentes, sabe-se apenas que nem todos estão no Museu de Évora, desconhecendo-se o seu paradeiro actual. Carlos Tavares da Silva (informação oral) apontou em tempos que sob a estrutura tumular encontrou taças carenadas, que não recuam para além dos últimos dois séculos do 4º milénio, em anos de calendário. O monumento não poderia assim ser anterior àquele parâmetro, o que hoje parece confirmado para os monumentos alentejanos de Corredor longo.

4.2.1 – A placa MEV 3669

Uma placa reaproveitada da base de uma placa de faixas ziguezagueantes preenchidas, não compartimentadas e com uma faixa terminal de contra-triângulos. O original foi rodado 100 grados da direita para a esquerda do observador. Não é impossível que se trate de um reaproveitamento de um artefacto que padecesse da «síndrome das placas loucas». Trata-se efectivamente da decoração original, amputada pelo polimento do bordo esquerdo da placa, e parece denunciar a assimetria que é patognomónica daquela síndrome.

Com uma altura actual de 9,05 cm e com uma largura mesial de 5,56 cm, a placa dispõe de uma única perfuração bem centrada e bitroncocónica. A espessura média de 0,46 cm pode corresponder à da placa original.

4.2.2 – A placa MEV 3676

Fragmento da área mesial de uma placa, regravada com bandas verticais de triângulos vazios orientadas na vertical. Observa-se ainda, muito sumida e sobposta à decoração de segunda fase, a da primeira fase, constituída por bandas de triângulos preenchidos. O tipo de gravação, apesar de mais intenso, faz recordar a placa MEV 3677 (descrita abaixo) proveniente do mesmo monumento. Altura actual do fragmento: 3,97 cm; espessura: 0,71 cm; largura no fragmento: 6,94 cm.

4.2.3 – A placa MEV 3677

Esta notável placa, na origem bastante comum, tem a particularidade de apresentar um extremo desgaste na sua superfície gravada original e o que nos pareceu ser um grafito ordenado em banda com caracteres da Escrita do Sudoeste. Altura máxima actual: 14 cm; largura máxima actual: 9,64; espessura: 0,71.

O motivo original da placa seria constituído por faixas ziguezagueantes preenchidas, compartimentadas por *guide lines*.

A placa MEV 3677 é também uma prova arqueológica de uma importância fundamental, porque constitui a prova indiscutível de que o monumento foi acedido algures entre os séculos IV e III a.n.e. por um indivíduo da Idade do Ferro. Infelizmente, não se possuem dados concretos sobre a localização desta placa dentro do monumento, pelo que é impossível saber a extensão desta penetração no conjunto funerário. Mas a ideia de que Henrique Leonor Pina teria encontrado um monumento fechado desde o seu abandono no Calcolítico é assim, muito provavelmente, de afastar.

**Observações de Amílcar Guerra sobre o grafito detectado na placa MEV-3677:**

«Reconhecer a natureza epigráfica de uma determinada gravação constitui, por via da regra, uma tarefa fácil.

Todavia, algumas dificuldades podem levantar-se quando o suporte, as características do signário ou ambas circunstâncias obedecem a padrões mais flexíveis; ou quando é o próprio executor que, por qualquer motivo, se afasta da norma. Em casos extremos, pode tornar-se virtualmente impossível estabelecer se uma série de traços corresponde a um determinado sistema de signos ou, ao contrário, corresponde a símbolos que não possuem qualquer correspondência fonética.

É precisamente esta questão que se coloca ao conjunto de gravações produzidas por um fino estilete que se sobrepõe aos característicos elementos decorativos da placa de xisto em análise. É evidente que os elementos que suscitam as dúvidas acima expostas foram produzidos num momento substancialmente diferente da sua primeira gravação e, apesar da sua aparente desordem, revelam uma organização que os aproxima das manifestações de escrita bem conhecidas da Idade do Ferro do Sul de Portugal.

O aspecto mais característico do grafismo produzido mais tardiamente reside no enquadramento de uma das sequências de signos entre dois traços, tendencialmente paralelos, com os quais se definem, na maioria dos monumentos desse período, os limites das diferentes linhas do texto epigráfico.

Para além disso, as afinidades com alguns sistemas locais de escrita pré--latina, podem entrever-se em alguns dos símbolos, infelizmente nem sempre de forma incontestável. Para tal contribui a manifesta imperícia da pessoa que os gravou, aspecto que se compreende bem numa manifestação esporádica e executada por quem não parece revelar uma especial competência nestes domínios. A irregularidade do traçado faz recordar a segunda linha do célebre monumento de Espanca (J.25.1), denunciando o nosso exemplar, de forma ainda mais clara, a falta de preparação técnica do executante, aspecto que o leve esgrafitado em suporte de reduzidas dimensões acentua.

Este achado ocorre numa região manifestamente marginal em relação aos monumentos do território português, tendo como paralelo mais próximo, não apenas do ponto de vista geográfico, mas também no que toca à dimensão e natureza do suporte, o achado da Folha do Ranjão, Baleizão, Beja (Faria; Soares, 1998, p. 155-156). De qualquer modo, os exemplares que se atestam na região espanhola da Extremadura (Untermann, 1997, J.54-J.57), poderiam justificar perfeitamente a presença dos vestígios de uma escrita pré-romana numa área tão setentrional.

Por isso, com todas reservas que os casos problemáticos recomendam, aceita--se que estejamos perante uma manifestação epigráfica em escrita do Sudoeste. Neste caso, enquadrada por duas linhas, poder-se-ia ver uma sequência ]'**aen**'''[, a qual está representada pelo menos em um dos monumentos (J.27.1) recolhidos no mais recente repertório sobre este domínio da investigação. Todavia, deve considerar-se igualmente a possibilidade de a mesma inscrição se atribuir ao signário meridional, onde os grafemas identificados têm igual valor fonético (sobre alguns paralelos v. Beirão; Gomes, 1985, p. 486-487 e 492-496; Untermann, 1997, p. 109-113).

Estas duas hipóteses condicionariam igualmente a cronologia a propor para este conjunto esgrafitado. No primeiro caso, apesar de subsistirem divergências substanciais entre os investigadores a esse respeito, poder-se-ia atribuir-lhe uma data avançada no âmbito da chamada II Idade do Ferro do Sul de Portugal. A considerar-se válida a segunda possibilidade, tratar-se-ia de uma elaboração posterior, que poderia enquadrar-se nos dois séculos que precedem a conquista romana da região.»

4.2.4. – A placa MEV 6372

Pequena placa, estranhamente não perfurada, o que é raro nestas placas--pingente, medindo os seus eixos 5,87 cm e 2,35 cm. É mais uma vez um reaproveitamento com polimento integral dos quatro bordos de uma placa original com bandas de pequenos triângulos cujos vértices se afrontam.

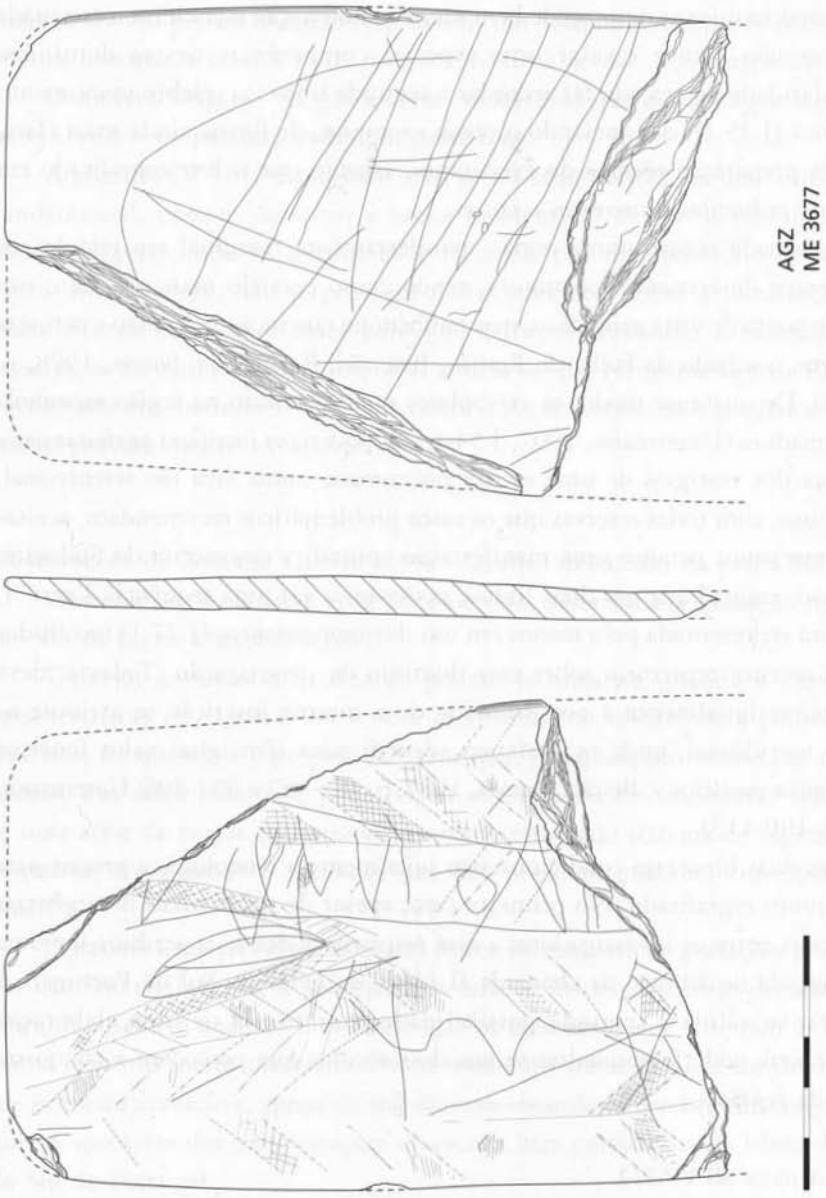



Fig. 4 O estado actual da placa MEV 3677, Anta Grande do Zambujeiro (Museu de Évora).

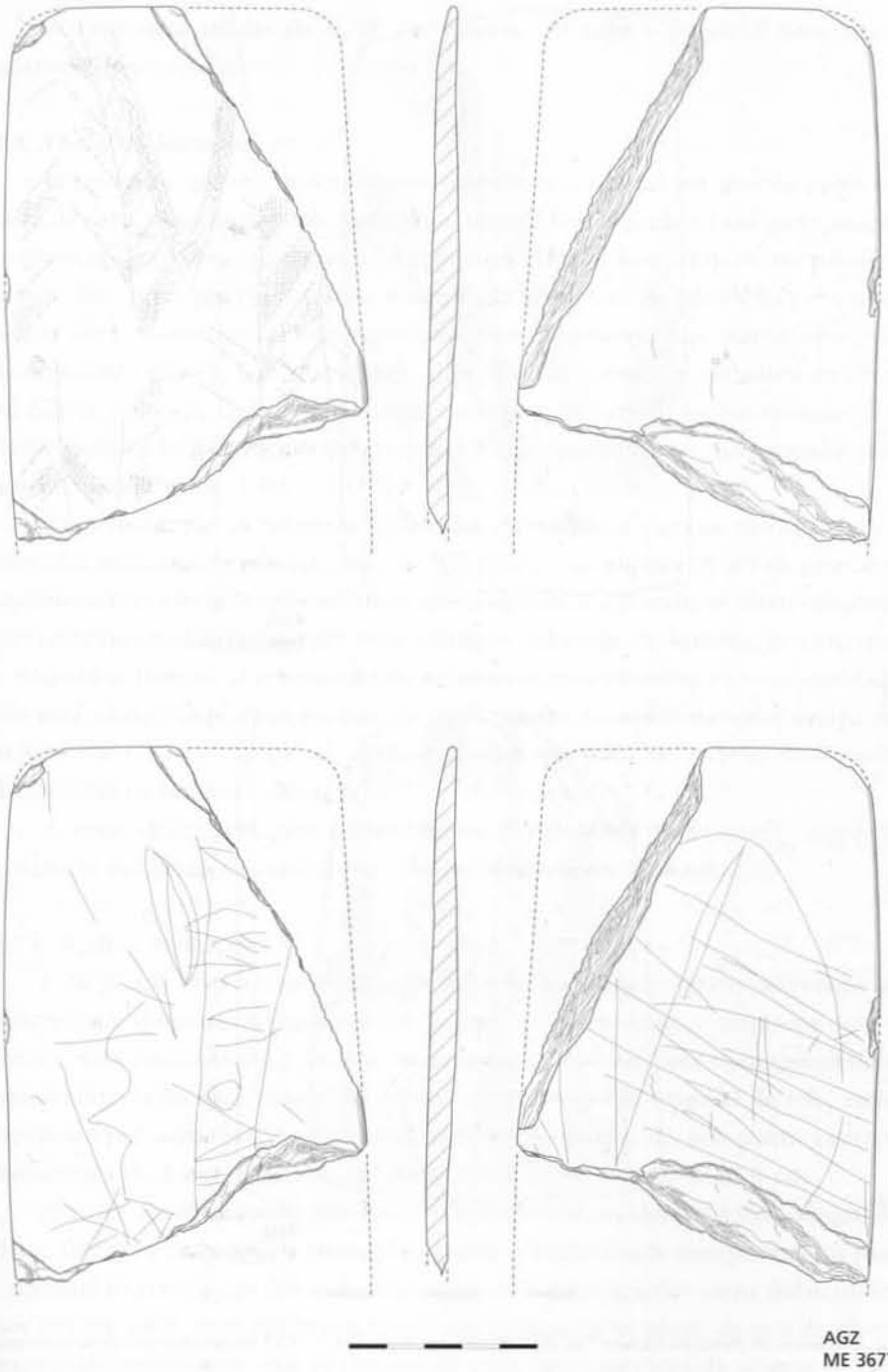
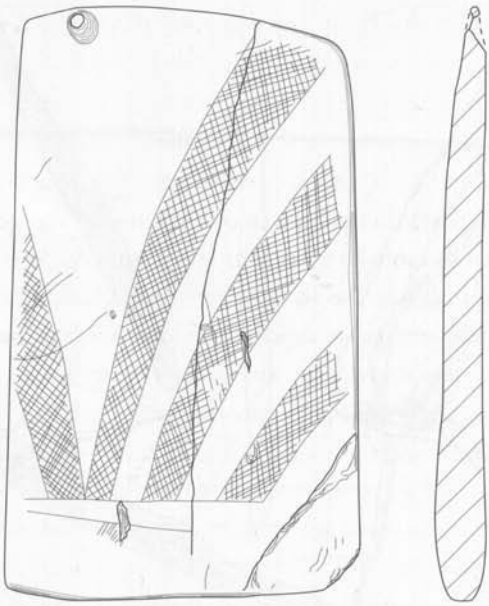
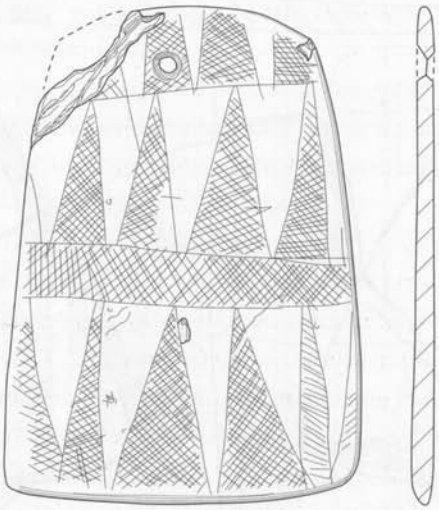



Fig. 5 (em cima) a gravação original da placa MEV 3677.
(em baixo) a segunda gravação da placa MEV 3677.



THE
2003.68.01



THE
1.79.27

Fig. 6 As placas do *tholos* do Escoural THE 2003.68.01 (em cima) e THE 1.79.27 (Museu Nacional de Arqueologia).

A espessura média de 0,58 cm mostra ter sido o original uma placa relativamente espessa.

4.3. *Tholos* do Escoural

O aparente conhecimento de este monumento resulta em grande parte do facto de uma pequena parte do seu espólio ter estado integrada na antiga exposição permanente do Museu Nacional de Arqueologia, tornando-o assim muito referido, apesar das curtas páginas que lhe foram dedicadas. Um de nós (VSG) visitou a Gruta do Escoural na semana seguinte à sua descoberta, mas nunca observou directamente o *tholos*, cuja descoberta, aliás, decorre durante os trabalhos de 1964 na Gruta, pelo que os breves comentários seguintes partem exclusivamente dos dados publicados por Santos e Ferreira (1969), guardando-se a sua revisão para outros contextos.

Recorda-se que os números apontados inicialmente para as placas de xisto gravadas indicavam a identificação de 102 placas completas e de 65 fragmentos. Durante o nosso recente trabalho sobre este conjunto, efectuaram-se várias colagens, particularmente de fragmentos com distintos números de inventário, pelo que o número definitivo dos registos que se referem concretamente a uma entidade não está ainda completamente fixado. Após o restauro a efectuar pela equipa do MNA, e com a publicação da monografia em preparação, estarão finalmente disponíveis os números definitivos.

À nossa designação para o monumento (THE, *tholos* do Escoural), segue-se o número do último inventário no Museu Nacional de Arqueologia.

4.3.1. A placa THE.1.79.27

Esta placa, com altura actual de 9,8 cm, apresenta a particularidade da geometria e dimensão irregulares dos triângulos preenchidos e dispostos com o vértice para cima. As duas bandas integralmente visíveis, que corresponderiam provavelmente às duas bandas inferiores de um conjunto original de três, estão separadas por uma banda preenchida com retícula que, no seu ponto central, mede cerca de 1 cm de altura, medindo a banda inferior cerca de 4 cm.

A placa foi claramente recortada e boleada sensivelmente a dois terços da altura da primeira banda de triângulos, tendo sido efectuada uma perfuração para suspensão dentro de um deles. A observação do bordo superior torna indiscutível este recorte, pela interrupção dos traços dos triângulos no plano da face da placa, impossibilitando assim que se tratasse de uma pequena placa de origem.

A espessura, numa área central de cerca de 0,46 cm, tanto pode significar que a placa foi desengrossada como ser a sua espessura original.

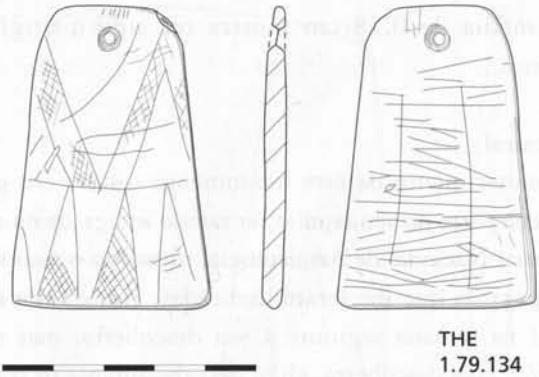



Fig. 7 As duas faces da placa do *tholos* do Escoural THE 1.79.134 (Museu Nacional de Arqueologia).

4.3.2 – A placa THE.1.79.134

Esta pequena miniatura, com apenas 5,96 cm de altura, levantou inicialmente problemas de interpretação, uma vez que tanto poderia ser de origem uma placa muito pequena como um reaproveitamento de uma placa efectivamente maior. Não é impossível que neste último caso a sua altura fosse pouco maior que 9 cm ou, num caso extremo, 11,5 cm. Na realidade, a altura da única banda em que os triângulos preenchidos com o vértice para cima estão inseridos não ultrapassa os 2,2 cm. Para escolher dois exemplos comparativos, a placa 2003.160.19 da Anta do Monte das Pedras (Montemor-o-Novo) tem bandas com cerca de 2 cm, enquanto outra placa proveniente da mesma anta, 2003.160.20, tem bandas que, no caso da central, quase atingem os 5 cm, chegando mesmo a 5,3 cm na banda inferior.

Como a placa apresenta a base boleada e a sua superfície muito desgastada, é difícil verificar a existência de qualquer arranque de triângulos a partir da única banda visível.

A espessura média de 0,5 cm pode também corresponder a uma antiga placa que foi adelgaçada. Aliás, no verso existem traços do que pode ter sido a planificação de uma decoração, provavelmente coeva do reaproveitamento.

4.3.3 – A placa THE-2003.68.01

Excelente exemplo do que é uma típica placa reaproveitada, objecto de poucos cuidados especiais. No seu novo recorte, a perfuração ficou perigosamente perto do topo da placa, fragilizando qualquer tentativa de suspensão, mas os quatro bordos foram efectivamente cuidadosamente polidos. A placa reaproveitada

conserva quase toda a parte esquerda da Cabeça, uma provável faixa lisa de separação entre a Cabeça e o Corpo, mas o resto da decoração, isto é, o motivo principal do Corpo, foi apagado.

Pelo que chegou até nós, a placa original seria efectivamente de grandes dimensões, podendo ter ultrapassado os 20 cm de altura. Ainda hoje, com a parte superior amputada, a Cabeça atinge os 9,79 cm de altura, tendo provavelmente, no inicio, atingido cerca de 11 cm. A espessura máxima desta placa, que atinge actualmente 1,08 cm, refere-se portanto a um original robusto, que não foi adelgaçado.

## 5. O CASO DA ANTA 1 DO PAÇO (= «A» DE MANUEL HELENO)

De todos os monumentos escavados por, ou à ordem de, Manuel Heleno, alguns apenas estavam expostos nas antigas vitrinas do 1º piso do Museu Nacional de Arqueologia. Entre eles, a «Anta A» tinha destaque particular pela impressionante quantidade de espólio que mostrava (e nem todo estava exposto...).

A recuperação dos Cadernos «de campo» de Manuel Heleno veio permitir identificar a anta como sendo a Anta 1 do Paço (aldeia do Ciborro, freguesia de S. Geraldo, Montemor-o-Novo) e a leitura das passagens que se lhe referem veio trazer um pequeno núcleo de informação. Uma contagem rápida, seguida de uma sumária observação da colecção, mostra que estes números não são ainda definitivos, havendo, particularmente no caso da cerâmica e das placas de xisto gravadas, colagens a efectuar, que provocarão alterações. De qualquer forma, fica-nos a imagem de uma excepcionalmente grande colecção de artefactos, devendo ser sublinhado que eles foram retirados não apenas da Câmara e do Corredor do monumento, mas também da estrutura tumular, que estaria literalmente pejada de enterramentos secundários.

A listagem de materiais inventaria, para este monumento, 1876 pontas de seta, 134 lâminas e lamelas, 7 núcleos, 5 alabardas e punhais, 2 dormentes e 2 moventes de mós manuais, 4 percutores, 181 machados, 9 enxós, 2 formões, 1 goiva, 456 contas de colar e 9 pendentes, 30 vasos cerâmicos inteiros, 138 fragmentados, 23 fragmentos de vasos decorados.

As placas votivas totalizam, na contagem de M. Heleno, 324, das quais 56 placas de xisto gravadas, 221 fragmentadas ou fragmentos de placas. 38 placas de grés foram também identificadas.

### 5.1. A placa 984.290.2

Placa trapezoidal tendo como altura actual 5,83 cm, uma largura na base de 5,12 cm e no topo de 3,68. Uma única pequena perfuração com diâmetro de

0,45 cm. Esta placa foi reaproveitada a partir de outra muito gasta ou intencionalmente apagada e foi extraída da junção Cabeça – Corpo. Foi perfurada num ponto central, no topo da sua nova configuração. Este é um bom exemplo de uma placa criteriosamente cortada respeitando a simetria original da placa a reaproveitar. A sua pequena espessura, de 0,33 cm, poderá talvez indicar tratar-se de uma lasca da placa original.

Proveniente do *tumulus*.

5.2. A placa 984.290.8

Esta pequena placa reaproveitada está fragmentada no sentido transversal, pelo que é impossível determinar a sua altura real (o fragmento actual mede ao centro 3,08 cm). A largura de topo é de 2,67 e a espessura de 0,51. A perfuração com 0,35 cm de diâmetro. Esta pequena placa resulta do reaproveitamento cuidadoso, seguido de polimento dos bordos, de uma outra placa cujo motivo dominante do corpo seria faixas verticais preenchidas em campo aberto. Na nova placa, observam-se três destas faixas bem centradas.

Sem localização no monumento especificamente indicada.

5.3. A placa 984.292.43

A placa tem uma altura actual de 4,13 cm, uma largura no topo de 4,96 e uma largura máxima na base de 6,26. A espessura é de 0,61 cm. Esta placa levanta problemas interessantes porque não seria impossível que fosse

1. o topo de uma pequena placa, posteriormente recortada na área de separação entre a Cabeça e o Corpo (e a área recortada repolida);

2. uma placa recortada de uma área central da cabeça de uma placa maior, com grande precisão, a mesma verificada aliás na placa 984.290.2, anteriormente descrita.

Pela ausência de gravação nos bordos laterais, e sobretudo pelo polimento invasor no lado direito, preferimos a segunda hipótese.

Recolhida no *tumulus*: «na mamoa, em espécie de caixa feita de pedras dentro do empedrado» (Caderno de Campo de Manuel Heleno).

5.4. A placa 984.292.111

Pequena placa reaproveitada como um pingente muito provavelmente do lado direito (esquerdo, para o observador) da cabeça da placa original. Tal como as placas 984.290.2 e 984.292.43 e também, de algum modo, a placa 984.290.8, esta placa é um exemplo de reaproveitamento não selectivo da placa anterior,

tendo sido cortada sem qualquer preocupação em vincar a simetria original dos motivos. Está partida no sentido transversal, pelo que é impossível determinar a sua altura de origem, sendo a do fragmento actual 2,99 cm, a largura no topo de 1,43 e a única perfuração centrada de 0,3 cm. A espessura de apenas 0,15 cm pode significar que ela foi obtida através de uma lasca da face da placa anterior.

Sem localização no monumento especificamente indicada (artefacto 2646, desenhado em esboço no caderno de Campo de Manuel Heleno).

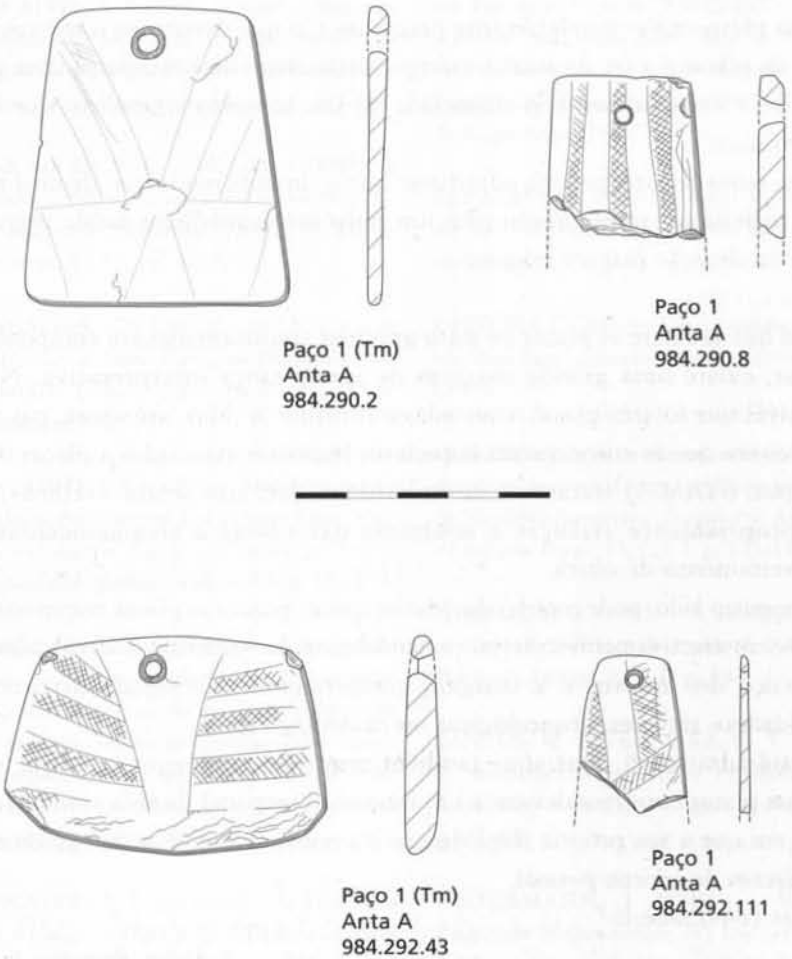



Fig. 8 Placas reaproveitadas provenientes da Anta 1 do Paço, Montemor o Novo (= Anta «A» de Manuel Heleno).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se viu ao princípio, a raridade do xisto não pode ser sempre evocada para explicar reaproveitamentos de placas de xisto gravadas, particularmente em regiões como a de Évora, onde o xisto está acessível sem qualquer dificuldade.

O caso da placa MEV 3677, proveniente da Anta Grande do Zambujeiro, e talvez da placa MEV 3676, com a mesma proveniência, é diferente, sendo muito provavelmente apenas o suporte para um grafito, sem que o seu novo eventual simbolismo, se é que existiu, tenha necessariamente que ver com o mundo dos mortos.

Para os casos de placas reaproveitadas e reintroduzidas deliberadamente num outro contexto funerário, poderia admitir-se que:

1. numa perspectiva completamente pragmática, o que determina o reaproveitamento de placas é a lei do menor esforço, sendo mais fácil recuperar uma placa quebrada, e eventualmente já dissociada do seu contexto simbólico, que fazer uma nova;
2. numa outra leitura, poderia admitir-se que o simbolismo inicial de uma placa antiga poderia ser transportado para um novo acto simbólico, dando origem a uma nova situação mágico-religiosa.

No que se refere às placas de xisto gravadas transformadas em componentes de colar, existe uma grande margem de insegurança interpretativa. Não é impossível que fossem placas associadas a subadultos. Mas, até agora, nas raras situações em que se encontraram esqueletos humanos associados a placas (Cova das Lapas, STAM-3) tratava-se de indivíduos que, não sendo «velhos», não eram propriamente crianças e nenhuma das placas a eles associadas era reaproveitamento de outra.

Por outro lado, pode mesmo duvidar-se que as pequenas placas reaproveitadas integrassem efectivamente colares, podendo ter sido suspensas individualmente ao pescoço dos mortos e a imagem correctamente divulgada decorrer de «habilidades» recentes, arqueológicas ou museológicas.

Seria admissível, mas aqui também sem qualquer segurança, que essas pequenas placas correspondessem a um momento terminal da vida simbólica das placas, em que a sua própria força decorativa residual as tivesse integrado entre os artefactos de adorno pessoal.

Mas como sabê-lo?

Lisboa, Primavera de 2004

*A equipa do Projecto «PLACA NOSTRA»*

## BIBLIOGRAFIA


BEIRÃO, C. de M.; GOMES, M. V. (1985) – Grafitos da Idade do Ferro do Centro e Sul de Portugal. *Actas del III Coloquio sobre Lengua y Culturas Paleohispánicas (Lisboa, 5-8 Noviembre 1980)*. Salamanca: Universidad. p. 465-499.

FARIA, A. M. de; SOARES, A. M. M. (1998) – Uma inscrição em caracteres do Sudoeste proveniente da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 153-160.

GONÇALVES, V. S. (1970) – Sobre o Neolítico na Península de Setúbal. In *Actas das I Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 407-421.

GONÇALVES, V. S. (1990/91) – TESP3: o povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz). *Portugália*. Porto. Nova série, 11-12, pp. 53-72.

GONÇALVES, V. S. (2003a) – *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida* (Reguengos de Monsaraz). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

GONÇALVES, V. S. (2003b) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 4. A «síndrome das placas loucas». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 131-157.

GONÇALVES, V. S. (2004) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 5. O explícito e o implícito. Breve dissertação sobre os limites fluidos do figurativo lidos a partir de componentes de algumas placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 165-183.

GONÇALVES, V. S. (no prelo) – As Deusas da noite: o projecto «PLACA NOSTRA» e as placas de xisto gravadas do corredor Évora – Montemor. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7: 2.

GONÇALVES, V. S. (no prelo) – *O Projecto «PLACA NOSTRA» e as placas de xisto gravadas da região de Évora*. [CD-ROM]. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.

GONÇALVES, V. S., ed. (2000) – *Muitas antas, pouca gente? Actas do 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 16).

HOCK, M.; KALB, P. (2000) – Novas investigações em Vale de Rodrigo. In GONÇALVES, V. S., ed. – *Muitas antas, pouca gente? Actas do 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. p. 159-166. (Trabalhos de Arqueologia; 16).

LEISNER, G. e V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.

OLIVEIRA, C. (2001) – *Lugar e memória. Testemunhos megalíticos e leituras do passado*. Lisboa: Edições Colibri.

OLIVEIRA, J. (1993) – Reutilizações e reaproveitamentos de materiais em sepulturas megalíticas do Nordeste Alentejano. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33, f. 1-2, p. 131-144.

SANTOS, M. F. (1967) – A necrópole de tipo «thólos» de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 3, 1, p. 183.

SANTOS, M. F.; FERREIRA, O. V. (1969) – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 3, 3, p. 37-62.

UNTERMANN, J. (1997) – *Monumenta linguarum Hispanicarum, IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

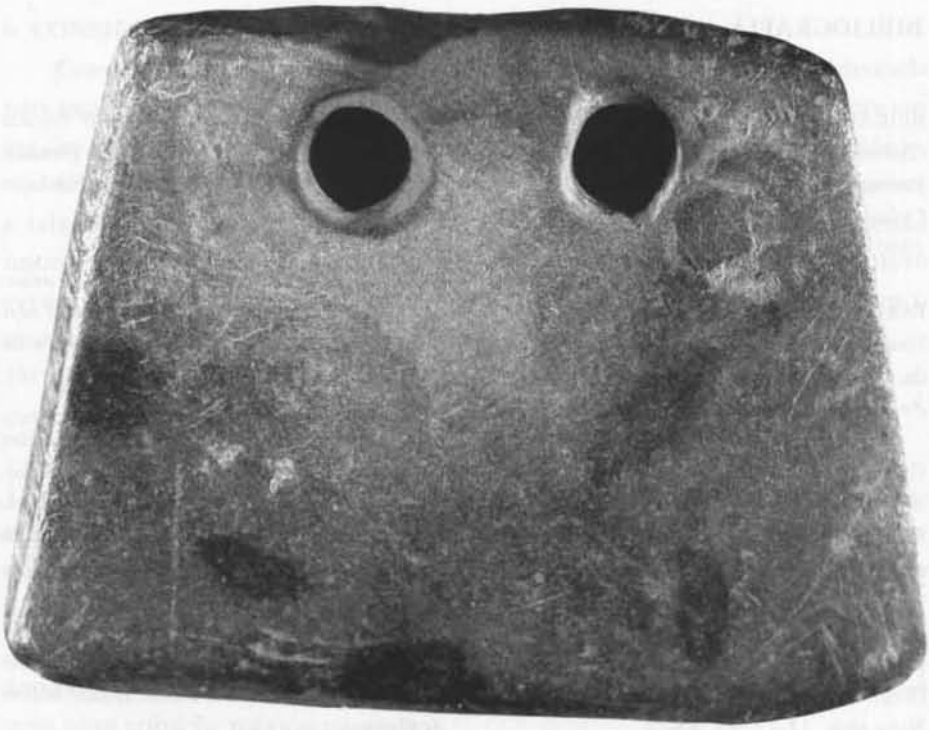


Fig. 9 Mini placa pendente proveniente das Grutas de Poço Velho (Cascais). Altura real: 3 cm. (Museu do IGM, PVC 356).

Figs. 10 e 11 A placa Mitra MEV 5230 e uma sua ampliação mostrando a orientação da banda de triângulos da placa original (Museu de Évora).

Figs. 12 e 13 (em cima) As placas Mitra 5231 e Anta Grande do Zambujeiro 6372 e Fig. 14 (em baixo) A placa Anta Grande do Zambujeiro 3669.

Fig. 15 A placa Anta Grande do Zambujeiro 3676.

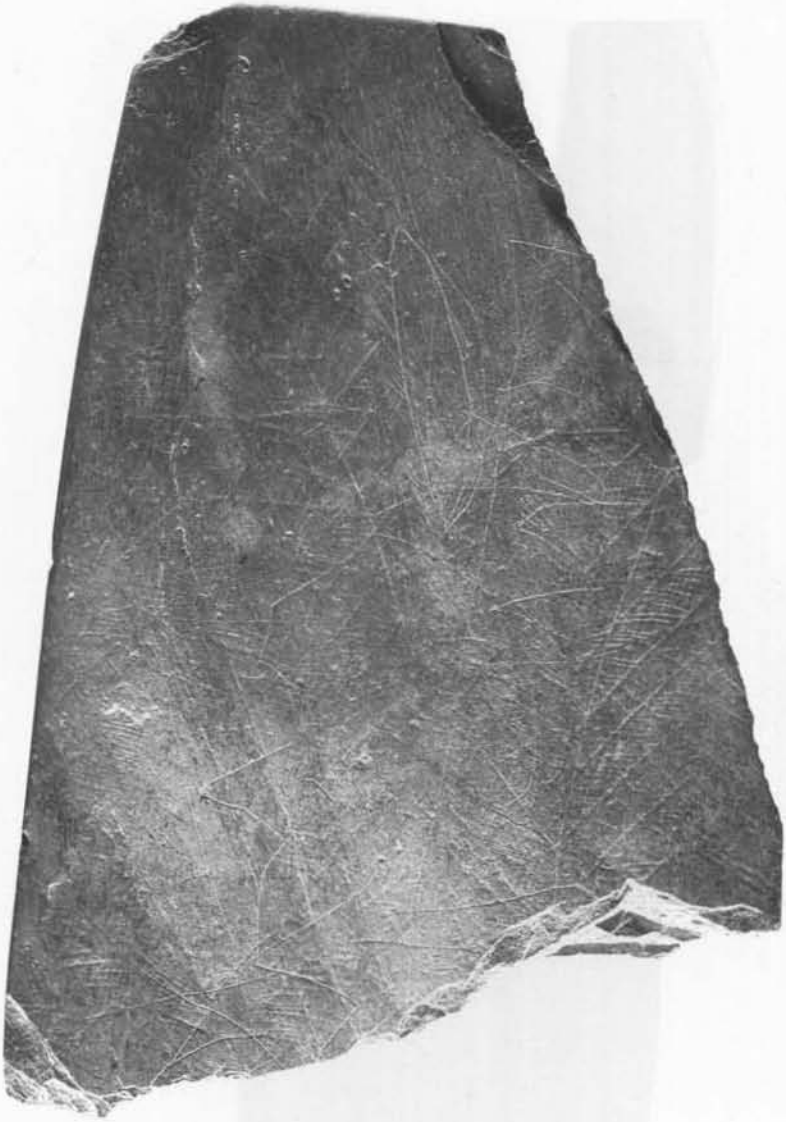


Fig. 16 Face da placa Anta Grande do Zambujeiro 3677.

Fig. 17 Verso da placa Anta Grande do Zambujeiro 3677.

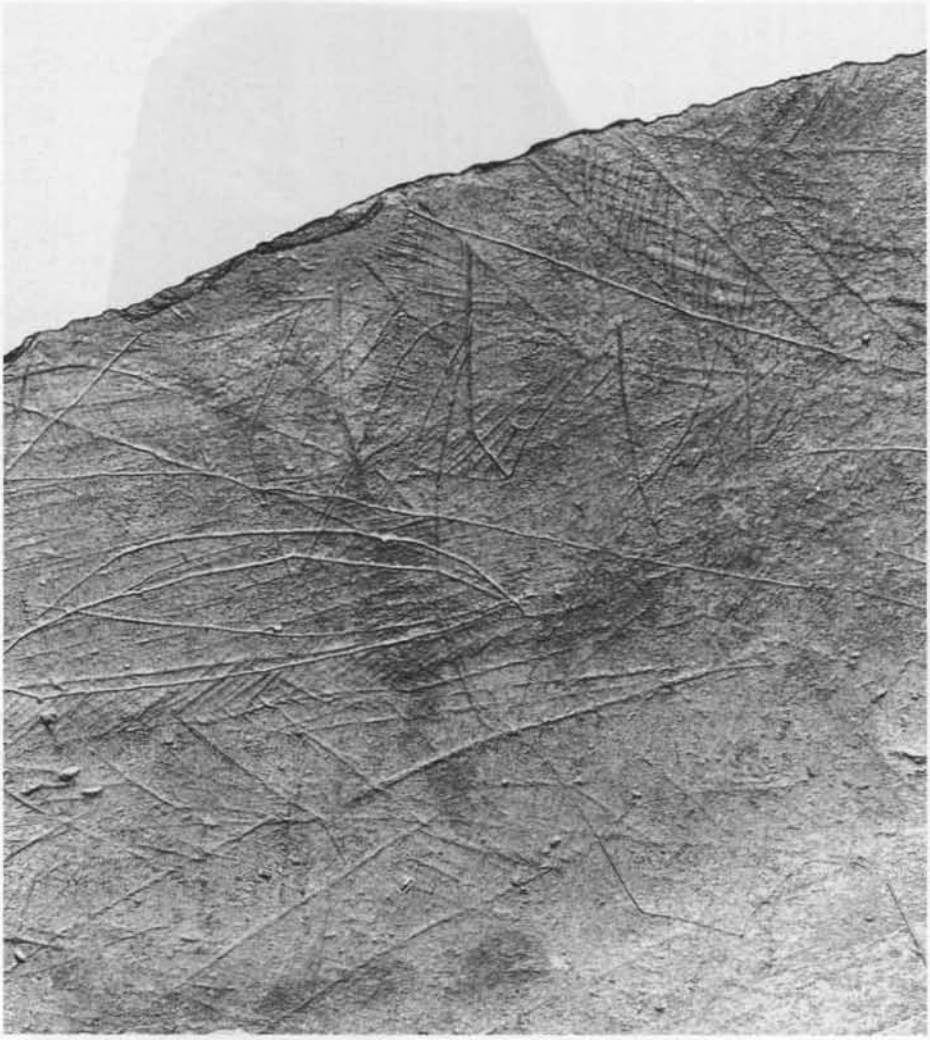


Fig. 18 Face da placa Anta Grande do Zambujeiro 3677 em inversão

Fig. 19 e 20 face e verso da placa, do *tholos* do Escoural 2003.68.01.

Fig. 21 face da placa do *tholos* do Escoural 1.79.27.

Fig. 22 e 23 face e verso da placa do *tholos* do Escoural 1.79.134.

(em cima)
Fig. 24 ampliação do topo da placa do *tholos* do Escoural 1.79.134.
(em baixo)
Fig. 25 a placa Paço 1 984.290.2.

(em cima)
Fig. 26 e Fig. 27
As placas Paço 1 984.290.8 e 984.292.111.
(em baixo)
Fig. 28 A placa Paço 1 984.292.43.